

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal da Tarde Class.: Madeira  
Data 24/06/88 Pg.: 6 29

JORNAL DA TARDE - 24/06/88 p.6

## Ambiente

Exploração de madeira: este projeto pode ser uma ameaça.

Não se pode dizer que ontem foi um dia tranquilo para os diplomatas brasileiros e representantes do IBDF participantes do 3º Congresso da Organização Mundial de Madeiras Tropicais (Itto): passaram a tarde apresentando o pré-projeto para o desenvolvimento de manejo sustentado das florestas tropicais. Do sucesso desta apresentação — que prossegue hoje — pode vir o financiamento de US\$ 1 milhão a ser investido na Floresta Nacional de Antimeri, no Acre. Mas foi tam-

bém um dia apreensivo para as entidades não-governamentais preservacionistas. "É necessário tomar cuidado para que esses projetos não se transformem em ameaça".

Para o governo do estado do Acre a apreensão era ainda maior: "O desenvolvimento do Acre depende deste projeto", diz Gilberto Siqueira, da Fundação Tecnológica do Acre. De acordo com ele, a idéia é implantar um novo modelo de desenvolvimento

integrando os recursos da floresta às culturas tradicionais da região. No caso, a castanha e a seringueira, de onde saem, respectivamente, 14 mil toneladas anuais de castanha do Pará e oito mil toneladas de borracha — representam 80% do ICM arrecadado no estado. É objetivo do projeto, também, encontrar outras espécies que possam vir a ser comercializadas.

Mas sua implantação se dá em uma região especialmente de-

licada: ao seu redor a devastação ainda a passos largos — fruto justamente de programas de desenvolvimento do governo. Basta citar um dado: 4% da área total da região amazônica está com suas florestas totalmente devastadas. Só para citar um exemplo: a Roraima em menos de dez anos — graças aos incentivos governamentais para atrair migrantes de outros estados e investir na pecuária —, está com 18% de seus sete mil quilômetros quadrados devastados. Na mesma linha estão

Mato Grosso, Goiás e Pará — uma espécie de cinturão no Sul da região.

Nesse quadro, o Acre aparece "privilegiado": apenas 4% de seus sete mil quilômetros quadrados estão devastados. Justamente na ponta em que faz fronteira com Roraima para onde os migrantes, desiludidos com esse estado, se deslocam.

Já para as organizações não-governamentais da América Lati-

na e a comunidade preservacionista nacional e estrangeira, a idéia de ver a Itto envolvida nessa história não agrada muito. E que esta é uma organização paragonamental composta por 31 países (dos quais 43 presentes no Congresso) produtores e consumidores de madeira. E os países mais ricos, como Japão e Estados Unidos (os maiores consumidores mundiais), acabam ditando seus interesses para os menos desenvolvidos — leia-se os produtores como Brasil, Peru, Bolívia, África.

### Madeira serrada amazônica - mito ou realidade?

Roberto Somanes Mercado\*

Apesar de possuir o maior potencial de madeiras tropicais do mundo, o Brasil participa com apenas 1% do comércio internacional de produtos florestais. Esta situação calca-se, por um lado, na utilização de apenas um pequeno número de espécies na indústria e no comércio externo, e, por outro, nas condições precárias de produção e na desorganização da comercialização de seus produtos.

O aproveitamento de um número reduzido de espécies indica o uso inadequado dos recursos florestais da Região Amazônica, e deve-se ao conhecimento limitado dos possíveis usos da maioria das espécies. Sua utilização é por vezes indevida, com o emprego da tecnologia não adaptada ao processamento (maquinaria inadequada, ausência de secagem e tratamentos preservativos), além de problemas na oferta contínua de matéria-prima. Soma-se a isto a existência de uma grande variedade de nomes populares, não raro conflitantes com a utilização de sinônimos duvidosos e denominações erradas que dificultam em demasia a comercialização de madeiras tropicais amazônicas.

As condições precárias de produção, principalmente na Região Norte, refletem-se na qualidade, má apresentação do produto, desrespeito a prazos, volumes e especificações contratualmente estipulados, aliados a uma inadequada infra-estrutura física de apoio à exportação, que dificultam sobremaneira a participação do Brasil no comércio internacional de madeiras e seus produtos.

Por outro lado, os países do Sudeste Asiático, detentores de 70% do comércio de madeira do

mundo, face ao esgotamento acelerado de suas reservas florestais, restringiram ou proibiram as exportações de madeiras em toras, medida esta também tomada pelo Brasil. Este fato alterou a situação do mercado internacional, abrindo um amplo potencial para que os produtos de madeira do País tenham suas exportações significativamente aumentadas. Tornou-se, portanto, imperativo para o Brasil desenvolver uma maior organização da comercialização, maior uniformidade e qualidade dos produtos compatíveis com o volume de negócios do comércio mundial do setor.

Foram realizados vários inventários na Região Amazônica, seja por empresas particulares ou órgãos governamentais, com o intuito de definir a região para melhor planejamento do seu desenvolvimento.

O projeto RadamBrasil estima que as florestas mais ricas apresentam uma biomassa florestal de 230 a 280 metros cúbicos por hectare. Contudo, deste volume total só 10% destinam-se às serrarias, onde 40 a 50% são perdas. Do restante, 45% têm como destino final a utilização como lenha. Os 90% restantes ficam na floresta, sem utilização econômica.

Em geral, a madeira para serrarias é classificada em 55%, 40%, 25% e 10% como madeira de primeira e quarta qualidade, respectivamente. O volume de toras utilizado pela indústria madeireira para produzir 13,2 milhões de metros cúbicos de madeira é estimado em 33,2 milhões de metros cúbicos.

As espécies florestais comercializáveis na Amazônia são aproximadamente 400. Algumas espécies são evitadas, devido a características indesejáveis (peso e dureza em excesso ou pouca resistência e durabilidade), enquanto outras são evitadas simplesmente por falta de conhecimento de suas características no mercado. Atualmente são utilizadas menos de 225 espécies a nível de mercado local; o mercado nacional aceita menos de 40 destas espécies, e o internacional apenas uma fração deste montante. Aproximadamente 1/3 da produção madeireira da Amazônia brasileira é comercializada dentro da própria região, enviando 55% para outras regiões do País e 12% para a exportação.

São exportadas aproximadamente 34 espécies amazônicas, sendo que apenas cinco (mogno, virola, sucupira, cedro e ipê) são responsáveis por mais de 75% das exportações de madeira serrada.

Os Estados Unidos têm sido o maior consumidor de produtos florestais brasileiros. Em janeiro e novembro de 1987, o Brasil exportou quase 300 mil metros cúbicos de madeira de folhosas sob vários produtos, perfazendo um total de 122 milhões de dólares. A participação do Brasil no mercado norte-americano é de 25% do total importado por esse país.

Ao se analisar a possibilidade de penetração no mercado norte-americano, deve-se levar em conta que 30% dos importadores diretos e 75% dos importadores indiretos não têm conhecimento nem interesse em novas espécies brasileiras, enquanto os usuários

finais da madeira tropical geralmente não têm conhecimento nem interesse em outras espécies que não aquelas utilizadas.

Por outro lado, foram considerados como fatores mais limitantes na cotação de novas madeiras amazônicas brasileiras no mercado norte-americano os altos custos, falta de informação e marketing inadequado, disponibilidade de espécies domésticas mais baratas e propriedades mecânicas das madeiras brasileiras, inadequadas para usos industriais (duras, pesadas, densas).

O Japão é o maior importador mundial de madeira, absorvendo 24% do comércio internacional do produto. Das importações, 40% são de madeiras tropicais.

Até 1983, cerca de 98% das importações japonesas eram feitas sob forma de toras, principalmente do Sudeste Asiático e Oceania. Com o esgotamento das reservas destes países, restringiu-se a exportação de madeiras em toras, abrindo perspectivas para as madeiras de folhosas tropicais do Brasil.

Existem oportunidades para o Brasil na área de madeiras decorativas, tanto na forma de elementos na sala de visitas como de utensílios e talheres de mesa japonesa. Os artigos de madeira são muito valorizados no Japão, onde são utilizados atualmente com tipos diferentes de talheres de mesa e de cozinha, alguns laqueados ou envernizados.

Os maiores obstáculos à entrada do Brasil no mercado japonês são a falta de conhecimento do potencial exportador e os altos

custos do frete. As perspectivas tornam-se promissoras ao serem levados em consideração os seguintes aspectos: fornecimento das espécies desejadas pelos importadores e nunca em pacotes; preços competitivos com os da Malásia e Indonésia, e fornecimento estável e contínuo. Mas a indústria madeireira da Amazônia não está preparada para cumprir estes requisitos.

Em linhas gerais, o velho sonho de que a Floresta Amazônica é uma fonte enorme de riqueza madeireira, e que poderá ajudar a pagar a dívida externa não passa, por enquanto, de uma utopia comercial. Mudanças radicais no enfoque do setor público responsável pela política florestal amazônica deverão ser implementadas, além de esforços do setor privado, visando colocar o setor madeireiro em posição de destaque.

O tão mencionado manejo racional da Amazônia inexistente e poderá demorar algumas décadas até que seja desenvolvida uma metodologia que possa beneficiar a própria floresta e o parque industrial instalado na região. Por enquanto, o setor de madeira serrada está nos primórdios de seu desenvolvimento, isto é, somos meros exportadores de mogno, cujos últimos remanescentes estão prestes a ser extintos, sem que isso tenha contribuído com o desenvolvimento da região.

\*Engenheiro florestal, Ph.D., professor-adjunto do Instituto de Florestas da UFRJ e chefe do Departamento de Engenharia do Meio Ambiente da Engevix Engenharia S/A.